

## CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS GERAIS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

LÚCIO DE CASTRO SOARES

Geógrafo do  
Conselho Nacional de Geografia

Entre as grandes regiões equatoriais, é a Amazônia a que apresenta maior área contínua, da qual cerca de 70 % se encontra dentro das fronteiras do Brasil, constituindo a chamada "Amazônia Brasileira".

As características geográficas da Amazônia em geral, e, em particular, da Amazônia Brasileira, se assemelham fundamentalmente às de outras regiões tropicais e equatoriais do Globo, possuidoras de clima quente, úmido, altamente chuvoso e de abundante e perene drenagem, onde domina exuberante, a heterogênea e sempre verde floresta hileiana

Tal similitude essencial é ainda confirmada pela sua extremamente reduzida densidade demográfica, por uma economia primária baseada na exploração de matérias-primas florestais e em rudimentares práticas agro-pecuárias, representadas por uma generalizada e primitiva agricultura itinerante de subsistência, a par da coleta selvagem, e, pelo cultivo extensivo de uns poucos produtos comerciais, e ainda, por uma pecuária rotineira e igualmente extensiva.

A reduzida utilização agrícola de seu solo — comumente restrita a pequenas áreas circunjacentes a seus modestos e pouco numerosos núcleos urbanos e contíguas a estabelecimentos rurais também muito dispersos — não chega a perturbar, no seu conjunto, a paisagem regional, caracterizada pela floresta espessa e contínua, dando ao observador que a contempla do ar a impressão de que o homem dela está ausente

As condições precárias da sua economia e a grande dispersão do seu contingente humano — na maior parte diluído em seu vasto espaço geográfico, por imposição do tipo de economia de coleta a que, em quase sua totalidade, se dedica — são responsáveis, mais diretamente, pelo seu pouco desenvolvimento cultural e econômico, elevado índice de analfabetismo, tudo isso conferindo-lhe uma das mais baixas rendas *per capita* de todo o território nacional, e, conseqüentemente, um baixo padrão de vida

Tôda a sua atual atividade agrícola é, repetimos, muito reduzida, raramente perceptível aos olhos do viajante desprevenido; sua economia é eminentemente extrativista, e sê-lo-á por muito tempo ainda, não obstante os numerosos empreendimentos que nela deverão ser levados a efeito, dentro do gigantesco plano de sua valorização econômica.

O extrativismo parece, pois, constituir a sua vocação econômica, tendência resultante, principalmente, da preponderância do sangue aborígine no grupo étnico que forma o grosso da sua população, cujo representante típico é o caboclo amazônico, atávicamente ligado à floresta. Com efeito, ao extrativismo flo-

restal, alicerce tradicional da sua economia, juntar-se-á o mineral, com a exploração, em futuro talvez não mui distante, dos seus depósitos petrolíferos recém-descobertos, e, dentro em breve, das suas riquíssimas jazidas manganésíferas, restando ainda para serem aproveitados os seus depósitos ferríferos de alto teor.

Dos combustíveis extraídos do seu petróleo, dependerão grandemente o desenvolvimento dos seus transportes, ora em reorganização, a expansão de sua incipiente indústria de transformação e a produção de energia termoelétrica, sujeitos todos à onerosa importação de combustíveis líquidos e sólidos, bem como a não menos dispendiosa utilização da lenha

Como reflexo do seu tipo de economia coletora, a Amazônia Brasileira não possui senão uma indústria inexpressiva, caracterizada principalmente pelo beneficiamento de matérias-primas de origem vegetal, em sua maioria fornecidas pela floresta

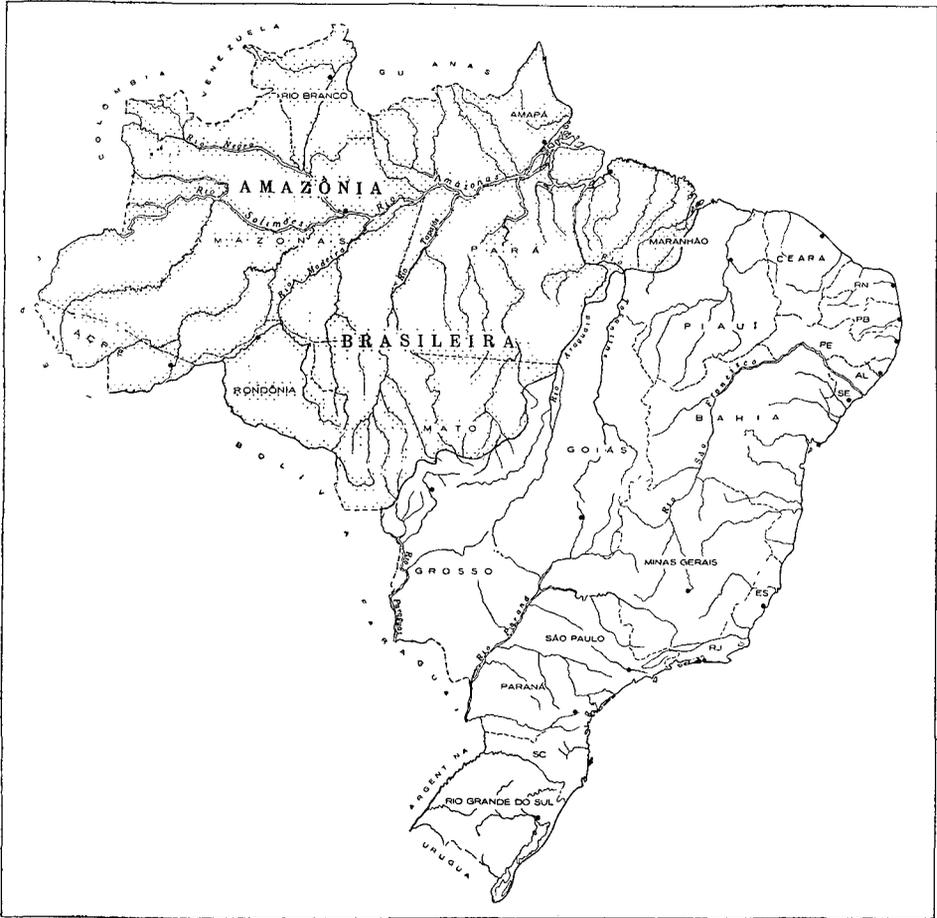
Aproveitando as vias francas e permanentes de circulação proporcionadas pela sua rica rede de drenagem, formada por caudalosos e extensos rios em grande parte de planície — como o maior deles, o gigantesco Amazonas — tem na navegação fluvial o seu principal meio de transporte, que utiliza um sem número de embarcações cujos calados variam do dos transatlânticos aos das embarcações individuais a remo. A extraordinária interiorização de seus centros urbanos e comerciais mais importantes, destacando-se entre eles uma grande capital de estado, determinou o surgimento, a partir dos últimos anos, de uma extensa e bem distribuída rede aeroviária em constante expansão, que seve regularmente e com rapidez os núcleos humanos espalhados na imensidão do seu território, ligando-os, em poucas horas ou dias, aos principais centros políticos e econômicos do país

A circulação terrestre tem na Amazônia Brasileira pouca expressão, representando mais um recurso do homem para flanquear os trechos encachoeirados dos grandes rios navegáveis. Duas das suas pouco extensas, antigas e mal conservadas ferrovias exemplificam esse fato; a terceira seve a uma zona agrícola em decadência, tendo sido originariamente uma estrada de ferro de penetração. Acabada de construir, a quarta ferrovia da Amazônia Brasileira servirá de escoadouro de uma riqueza mineral prestes a ser explorada — o manganês do Amapá. Suas rodovias, perfazendo também uma quilometragem total de pouca monta, jamais competem com a navegação fluvial franca; são, ora de penetração, seguindo geralmente linhas coloniais antigas ou recentes, ora de ligação de núcleos urbanos localizados dentro ou próximo a zonas já colonizadas, dienenando a produção de pequenas áreas agrícolas para os entrepostos comerciais de onde partiam. A floresta espessa, as grandes distâncias a serem comumente vencidas e a rica rede hidrográfica, dificultam e oneram sobremodo a construção de estradas, constituindo os principais fatores limitativos da expansão da rede rodoviária regional.

Examinando-se, porém, cada uma das zonas fisiográficas e econômicas que a compõem, a Amazônia Brasileira apresenta certas particularidades que chegam a estabelecer contrastes com os aspectos e caracteres dominantes em seu todo regional, bem como proporcionam o conhecimento de vários fatos que corrigem alguns conceitos, de longa data freqüentemente divulgados por uma literatura pseudo-científica, ou simplesmente sensacionalista, de viajantes imagino-

tos e de observadores apressados ou mal informados, através da qual esta região é comumente conhecida, mesmo, pela maioria dos brasileiros.

Dentre as noções errôneas mais difundidas, se destaca a que lhe retrata como uma imensa planície inundável e pantanosa, em processo lento de colmatagem e não oferecendo condições permanentes e seguras ao estabelecimento humano, quer pela inconsistência de seu solo, dito "imaturo", quer pela insalubridade decorrente da difícil e quase inexistente drenagem do mesmo, altamente propícia à proliferação de germes patogênicos e de insetos vetores dos mesmos, causadores de "terríveis" doenças tropicais



*O âmbito geográfico da Amazônia Brasileira pode ser considerado como sendo o da área de ocorrência da floresta hileiana dentro do território brasileiro, de cuja área total abrange cerca de 48%. Este critério de delimitação regional se baseia no fato de a floresta amazônica virtualmente condicionar tôdas as atividades primárias da Amazônia e, ao mesmo tempo, refletir o seu clima acentuadamente equatorial, razão pela qual constitui o elemento que melhor individualiza geográficamente esta grande região*

Na realidade, porém, o quadro fisiográfico responsável por estas condições adversas à vida humana, está restrito a uma parcela muito pequena do seu âmbito territorial. Com efeito, somente uma parcela relativamente reduzida (grosseiramente calculada em pouco mais de 1% da imensa área total da região) é formada por planícies aluviais inundáveis — as “várzeas”, dispostas descontínuamente ao longo de seus rios — permanecendo o restante da vastíssima planura amazônica a salvo das águas das cheias, consistindo em terrenos bem dre-

nados e seguros, donde a expressiva denominação de “terra-firme”, que lhes é regionalmente dada.

Outro conceito que precisa ser colocado em seus devidos termos é o que se refere à comumente exagerada hostilidade do clima amazônico à fixação do homem. De fato, as elevadas médias termométricas de seu clima megatérmico, a diminuta variação anual de temperatura e a excessiva umidade atmosférica que êle apresenta, tornam a vida humana de certo modo desconfortável na maior parte da região. A insalubridade decorrente de tais condições climáticas vai, todavia, diminuindo gradativamente à proporção que medidas de saneamento são introduzidas na região, principalmente em seus maiores núcleos urbanos. A malária está, hoje em dia, controlada e praticamente erradicada de certas áreas e centros populacionais da Amazônia Brasileira onde a profilaxia e o tratamento de outras moléstias tropicais endêmicas vão sendo intensificados. Disso já existem animadoras provas.

Seus solos são em geral pouco férteis, principalmente quando comparados aos melhores solos do mundo. Não há dúvida que os solos da chamada “terra-firme” amazônica apresentam elevada acidez, além de serem com rapidez desprovidos dos poucos elementos químicos nutrientes vegetais que comumente possuem, por uma excessiva lavagem provocada pelas abundantes descargas pluviais a que estão praticamente submetidos durante todo o ano. Tais desvantagens não justificam, porém, a sua proscrição sumária como solos agricultáveis, juntamente com os demais solos tropicais; o baixo rendimento agrícola que oferecem não é devido tão somente à sua pobreza química e rápida exaustão quando expostos a elevada pluviosidade e intensa insolação, mas, também e em grande parte, ao fato de as lavouras não serem nêles praticadas com os métodos racionais a êles particularmente recomendáveis. Por outro lado, a má fama dos solos amazônicos decorre em parte de seu uso impróprio, no que respeita aos produtos nêles cultivados. Espécies arbóreas de valor econômico têm sido cultivadas com pleno êxito em solos da terra-firme amazônica classificados como muito pobres; experiências levadas a efeito pelo Instituto Agrônômico do Norte em terrenos do quaternário antigo dos arredores de Belém, confirmam êste fato pouco conhecido dos julgadores ortodoxos do solo amazônico.

O desconhecimento desta realidade tem levado à negação da possibilidade de uma agricultura rendosa nos solos da “terra-firme”, o que, seja dito, é verdadeiro, quando se trata do cultivo irracional de produtos alimentares de ciclo rápido. A ignorância da generalizada pobreza química dos solos firmes amazônicos e do seu alto grau de laterização, gerou, por sua vez, nos espíritos desprevenidos, a convicção de que os mesmos possuem “extraordinária fertilidade”, convicção essa baseada na exuberância, grande porte e deveras impressionante variedade botânica da floresta amazônica. “Num solo pobre uma floresta com tais características jamais poderia existir”, é o que comumente se ouve dizer. Essa decantada fertilidade existe, é bem verdade, mas não é comum a todos os solos amazônicos, estando restrita àqueles que se formam nas aluviões das várzeas dos rios transportadores de sedimentos, às pequenas e numerosas manchas da chamada “terra-pretá” (de provável origem arqueológica) e às pequenas áreas de solos resultantes da decomposição de rochas efusivas básicas que, geralmente sob a forma de diques, afloram esparsas no embasamento cristalino e nos terrenos paleozóicos da bacia amazônica.

Estabelecendo contrastes dentro do quadro regional caracterizado no seu conjunto físico, humano e econômico por uma marcante uniformidade, ressaltam alguns fatos dignos de menção, no que respeita, por exemplo, à distribuição geográfica da população, ao clima, à agricultura e à pecuária.

Baseando, desde os primórdios de sua ocupação humana, a sua economia no extrativismo florestal, a Amazônia Brasileira afluere hoje, todavia, apreciável e crescente renda na expansiva cultura de duas fibras têxteis de grande valor, e no de uma especiaria de alto preço, cujo cultivo racional contrasta, da maneira mais chocante, com os atrasados e empíricos métodos agrícolas com que são praticadas, via de regra, tôdas as demais lavouras regionais. Referimo-nos às culturas comerciais da juta, da malva ou uacima e da pimenta-do-reino. Animador é também o início, embora tardiamente, da heveacultura planejada, feita em bases racionais e em diversos pontos da região.

Muito embora constitua um dos maiores vazios demográficos do mundo, é encontrada na sua periferia marítima uma área de surpreendente densidade humana (quando comparada esta com a acentuada rarefação populacional que a caracteriza globalmente). Do ponto de vista econômico, tal área difere igualmente do resto da região — onde predomina o extrativismo — por ser eminentemente agrícola e de ocupação originariamente resultante de colonização dirigida e iniciada há pouco mais de meio século, sendo ainda a única área amazônica em que a propriedade agrária está subdividida em pequenos tratos de terra, contrastando assim com a quase totalidade da Amazônia, possuidora dos maiores latifúndios extrativistas.

Seu clima não é, como geralmente se pensa, o mesmo em tôda a sua vasta área de quase cinco milhões de quilômetros quadrados. Encontrando-se numa das porções da zona equatorial mais quentes e mais úmidas, seria de esperar-se que nela imperasse, sem solução de continuidade, um clima excessivamente quente, superúmido e portador das mais elevadas cotas pluviométricas durante todo o ano, tal como acontece em vastas regiões do continente africano e da Insulíndia. Tal tipo climático eminentemente megatérmico, extremamente úmido e altamente chuvoso de janeiro a dezembro, só ocorre, porém, em sua porção W NW, predominando no restante da sua vastíssima área um clima que embora quente, úmido e bastante chuvoso, apresenta uma estação dita “sêca”, do tipo monçonal. Dominando considerável área da sua porção extremo-setentrional, possui ainda um tipo de clima que difere sensivelmente dos climas predominantes na região, e que divide o ano em duas estações bem distintas, uma abundantemente chuvosa e outra de acentuada estiagem.

A pecuária amazônica, em geral de padrão tão baixo devido à consangüinidade do seu rebanho e à pobreza dos campos da “terra-firme”, onde o gado é recolhido na época das inundações após abandonar os campos das várzeas possuidoras de melhor forragem, já oferece, em compensação, sensíveis melhorias no maior cento pastoril da Amazônia Brasileira, a ilha de Marajó, e no território do Amapá. Ali, o rebanho bovino, vai sendo, pouco a pouco, melhorado por iniciativa de fazendeiros mais esclarecidos, não só pela formação de boas pastagens (prática cada vez mais difundida), como também por um raceamento bem orientado através de métodos zootécnicos modernos, e, pela adoção de medidas veterinárias para proteger o gado contra diversas epizootias.

Há cerca de trinta anos PIERRE DENIS caracterizou a Amazônia Brasileira com esta excelente síntese:

“A unidade geográfica da Amazônia resulta da influência que sobre ela exercem sobre a vida humana, de um lado, a predominância da floresta, e de outro, o desenvolvimento de uma rede fluvial sem igual no mundo, por sua extensão e descarga. A exploração da floresta absorve todas as energias. A rede fluvial rasga através da floresta as únicas vias de penetração. Assegura o abastecimento e o tráfico de exportação, todas as formas de colonização estão sob a dependência estreita da alternância das cheias e das vazantes. Examinem-se as condições de existência de vilarejos primitivos, onde a pesca e a caça são as indústrias principais, por exemplo, no quadro dramático que dela traçou BATES depois de sua estada em Egas em meados do século XIX; observe-se a técnica da agricultura e da pecuária desde o território do Acre, onde as culturas *derobées* são praticadas na estação seca, nas vazantes, até as ilhas do estuário, onde os criadores alimentam o gado com grande sacrifício durante as enchentes, apisonando-o em balsas flutuantes, acompanhem-se as migrações da população de seringueiros, que a estação das chuvas faz refluir para os entrepostos e para os povoados e descobriu-se-á sob cem formas diversas a mesma disciplina imposta pela pulsação sazonal que periodicamente intumescce e abaixa os rios”<sup>1</sup>

Apesar do desenvolvimento econômico que experimentou nas três últimas décadas, a Amazônia Brasileira ainda pode ser, em sua essência, caracterizada com estas mesmas palavras de DENIS. Esta situação poderá, todavia, ser modificada, quando a Amazônia se transformar numa área de atração humana, pelo melhor aproveitamento de seus recursos naturais, pelo cultivo racional de seus solos, pela sua auto-suficiência alimentar, pela melhoria das suas condições de saúde, pela organização e eficiência de seus transportes, pela elevação do nível cultural de suas populações, para citar somente alguns de seus problemas mais aflitivos.

Devido principalmente ao seu clima rigoroso, as regiões tropicais ainda são consideradas pelos povos habitantes das regiões de clima temperado, quase como uma “terra proibida” ao estabelecimento produtivo e saudável dos elementos humanos alienígenas; segundo esta corrente de idéias, os grupos humanos portadores de civilizações mais desenvolvidas dificilmente poderiam nelas se fixarem, por não subsistirem à permanente insalubridade e ao aniquilador desgaste físico impostos pela inclemência do seu clima excessivamente quente, altamente chuvoso e superúmido, responsável, em última análise, pela existência do chamado “complexo patogênico tropical”.

Do ponto de vista econômico, tais regiões seriam igualmente anti-ecumênicas, pelo fato de, possuindo solos pobres e facilmente esgotáveis quando trabalhados agricolamente, não compensarem, dada a sua baixa produtividade, o grande esforço físico despendido com o seu cultivo em condições climáticas tão adversas.

O obstáculo oposto à circulação terrestre pela densidade das suas florestas vigorosas e intrincadas, é mais um entre muitos outros fatores negativos para a valorização dessas áreas economicamente subdesenvolvidas, relegadas à

<sup>1</sup> P. DENIS - *L'Amérique du Sud - Le Brésil - l'Amazonie*, col Géographie Universelle, p 108 - Paris, 1923.

condição pouco lisongeiira de "áreas-reserva" da Humanidade, a serem utilizadas somente quando a capacidade de produção de alimento e de matérias-primas das áreas atualmente em utilização, se tiver esgotado.

Tal conceito desfavorável desfrutado pelas regiões tropicais, tinha, até certo ponto, razão de ser, num passado ainda não mui distante, quando o homem não dispunha ainda dos recursos técnico-científicos de que hoje se pode valer para valorizá-las devidamente. Com efeito, o extraordinário progresso alcançado pela Ciência e pela Técnica nos últimos anos, já possibilitam a ocupação e o aproveitamento de grandes áreas tropicais e equatoriais, em condições muitíssimo melhores que no passado.

É lícito crer que, aplicando-se todos os recursos de civilização moderna e porvindoura, estas grandes "áreas-problema" de nossos dias, venham a se tornar espaços geográficos e economicamente ativos num futuro muito mais próximo do que julgamos. É preciso ter em mente que, com tais recursos, podem ser nelas levados a efeito empreendimentos econômicos e sociais, num prazo muitas vezes mais reduzido do que seria obtida há 50 anos atrás, tornando realidade planos de recuperação e de valorização regionais, outrora tidos como dificilmente exequíveis ou mesmo impossível de serem realizados.

Lançando mão de recursos técnico-científicos, o Brasil começa agora a valorização e recuperação da sua vasta área equatorial, empreendimento esse previsto pela Constituição Brasileira de 1946 e em cuja execução a União aplicará, durante, pelo menos, vinte anos consecutivos, quantia não inferior a três por cento da sua renda tributária. O "Plano de Valorização Econômica da Amazônia" começou a ser realizado em 1954, com um "Programa de Emergência", tendo sido a sua grande execução iniciada em 1955, quando entrou em vigência o "Primeiro Plano Quinquenal", a terminar em 1958.

Muito embora desde o século passado vários cientistas tenham percorrido a Amazônia Brasileira e escrito numerosos trabalhos sobre sua flora, fauna, hidrografia, geologia e sobre a sua geografia em geral, muito há ainda que pesquisar em seu imenso território, somente em pequena parte devassado. Tanto a espessa floresta amazônica quanto o solo por ela oculto possuem inúmeras riquezas à espera de aproveitamento; apesar de já ser extensa a lista de seus recursos naturais, as reais possibilidades econômicas da área hileiana estão, todavia, por serem reveladas em toda sua plenitude. Daí a importância da pesquisa e da experimentação científicas para a sua valorização, não somente quanto ao setor econômico, mas também num sentido social mais amplo.

Compreendendo a necessidade de basear a sua ação recuperadora e valorizadora sobre um melhor conhecimento da realidade regional, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia solicitou a colaboração de importantes órgãos de pesquisa, recentemente instalado em Manaus, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia já iniciou suas atividades, que têm por principal objetivo o estudo científico do meio físico e das condições de vida regionais. Desta maneira, o conhecimento científico da Amazônia Brasileira vai, pois, se fazendo pouco a pouco, com orientação segura e graças à atividade de investigadores de reconhecida capacidade.

Não sendo uma região de fácil ocupação e aproveitamento, a Amazônia está, porém, longe de ser, como nos revelam as suas verdadeiras condições

mesológicas, uma terra proibida ao homem civilizado, podendo-se mesmo acreditar que, convenientemente estudada e inteligentemente explorada, possa ela vir a se transformar num abundante manancial de matérias-primas essenciais à vida moderna e numa área altamente produtora de alimentos, abrigando, ao mesmo tempo, uma população racionalmente integrada em seu meio geográfico e de sobrevivência garantida por uma satisfatória estabilidade econômica e social

Tendo em vista a progressiva conquista de outras regiões brasileiras, de condições naturais até certo ponto semelhantes às da Amazônia, PIERRE MONBEIG — um dos geógrafos que melhor conhecem os problemas relativos à ocupação do território brasileiro — assim escreve: “A Amazônia é uma região ainda mal conhecida e possui uma reputação detestável, que deve ser corrigida. As endemias tropicais não apresentam aqui os mesmos caracteres de gravidade observados na África equatorial; as formas de malária, por exemplo, são menos graves nessa região brasileira. Já vimos que as condições climáticas são mais variáveis do que normalmente se pensa e as médias térmicas jamais atingem cifras astronômicas. Do ponto de vista da geografia humana esta grande unidade natural define-se como um deserto. Poderemos estar certos de que esta região não se modificará mais cedo do que se pensa? O “sertão” do Brasil já foi atingido pela vaga de povoamento oriunda das regiões costeiras. Progressiva e pacificamente os homens estão realizando a conquista do solo brasileiro e criando regiões humanas singularmente mais complexas do que os grandes conjuntos naturais”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> P. MONBEIG — *O Brasil*. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1954. Tradução do Prof. DIRCEU LINO DE MATOS